



ENFRENTAMENTOS CONTEMPORÂNEOS NO ENSINO FORMAL DAS ARTES: A CULTURA VISUAL, O CORPO E A ARTE.

Aldo Victorio Filho. UERJ

RESUMO: Imagens visuais, diversidade de olhares, corpo e ação poética configuram a rede conceitual deste trabalho sobre o ensino da arte e educação atuais. A partir dos campos conceituais que referenciam a pesquisa da qual advém o panorama apresentado buscou-se discutir alguns postulados que ainda dão corpo à escola e reconsiderá-los face às possibilidades de um ensino das artes adequado aos tempos atuais. Buscamos discutir o ensino da arte disciplinar no sistema escolar formal e algumas de suas implicações centrais na atualidade. Trata-se, portanto, de mais uma reflexão das fertilidades e dos esgotamentos do ensino da arte confrontado com a ultra valorização da imagem e a eclipse do corpo que vê e produz imagens e saberes.

Palavras chave: ensino formal das artes - cultura visual - corpo – arte

Sommaire: *Les images visuelles, des regards différents, le corps et l'action poétique forment le réseau conceptuel de ce travail sur l'enseignement de l'art et de l'éducation aujourd'hui. Des champs conceptuels qui font référence à la recherche qui se pose des perspectives présentées pour but de discuter de certains postulats qui incarnent encore l'école et à reconsidérer leurs possibilités dans une éducation artistique appropriées aux temps actuels. Nous discutons la discipline de l'éducation artistique dans le système scolaire formel et certaines de ses implications centrales aujourd'hui. Il est donc plus une réflexion sur la fertilité et de l'épuisement de l'enseignement de l'art face à des images très valorisée et l'éclipse du corps qui voit et qui produit des images et des connaissances.*

Mots clés: *enseignement formel des arts - culture visuelle - corps - art.*

Imagem inicial: ainda a escola, ainda o currículo:

O ensino da arte é lugar ainda insuficientemente territorializado no espaço curricular de proteção e pertencimento. Como componente curricular oficial da educação formal, sua consistência se perde na indiferença, na sua secundarização e, o pior, em compreensões limitadas e pouco questionadas, dependentes das impressões, nem sempre precisas e pertinentes, das imagens emanadas do sistema das artes. Um sistema que muitos de seus professores desconhecem ou conhecem parcialmente. Na rede de equívocos imiscuída com as velhas boas intenções que envolve grande parte do ensino da arte na educação básica, a ideia de aprimoramento cultural e educação estética, esta última quase sempre naturalizada como tributária dos padrões estéticos dominantes no ocidente, privilegiados nos

equipamentos culturais das cidades e confirmados na história oficial da arte. Tal rede é um emaranhado de contradições conceituais, de práticas e de desafios que os encontros entre forças, nem sempre consoantes, operam. Assim, tomamos como necessária a elucidação de conceitos caros ao campo e importantes para a parte da formação humana que cabe ao ensino formal. Entre os muitos obstáculos a serem superados na reflexão sobre o ensino da arte atual destacamos, aqui, a compreensão redutória e ou superficial de alguns termos que denominam territórios diversos e que são confundidos e considerados sem a atenção que lhes é devida. Arte, criação estética ou poética são denominações de importância central e, no entanto, não raro, arriscadamente confundidas. Como exemplo mais significativo apontamos a importância de se ter segurança do que se pretende aludir quando se utiliza a palavra 'arte'. Se nos referimos àquele conjunto de obras legitimados pelo sistema comercial desse mercado específico outorgado pela produção da história e crítica oficial da arte e confirmada pela seleção museológica, ou se, ao contrário, se nos referimos a alguma produção poética, estética, não necessariamente semelhante e identificada com o conjunto de obras acima definido ou outorgada como obra de arte pelo sistema da arte, ou seja, por sua crítica, comércio e história específicos. Alertamos que a localização e compromisso de cada termo é político e, coincidentemente ou não, é inseparável de certa adesão ideológica e ou certo desejo. Há um chamado, um golpe dado por qualquer palavra, por menor que seja (Novarina, 2009)

De todo modo, são questões importantes cujo esforço por algumas respostas dissiparia os conflitos conceituais que, embora silenciosos, acabam por manter uma confusão útil a certa domesticação cultural praticada no ensino das artes. É, portanto, conseqüentemente, importante tomar a arte como uma forma específica de comunicação na qual o aspecto básico e central é a conotação estética e que a arte, como evento comunicacional, acontece, geralmente, de forma mais densa e intensa do que a maioria das experiências que habitualmente ou cotidianamente vivemos, assim como convém considerar que os locais e contextos do evento artístico invocam e marcam a sua especificidade. É observável que as criações artísticas são, também, muitas vezes componentes de alguma outra coisa, como uma cerimônia religiosa, um desfile de modas ou, mesmo, um entretenimento de televisão e que pode interagir com um cenário maior como em uma obra

arquitetônica, um comercial, impressos ou publicações editoriais, não necessariamente sobre arte. No entanto, uma obra de arte não pode ser definida apenas como elemento de um contexto maior, pois, funciona, também, e na maioria das vezes, independente de outros propósitos, contudo é difícil imaginar qualquer coisa em nossas vidas funcionando totalmente independente de outras coisas e pessoas. Há um mundo de condicionantes que estabelecem uma obra como obra de arte, sejam aspectos técnicos, profissionais e, até mesmo, culturais ou políticos que acabam por formatar e instituir o sistema das artes que valida, legitima ou outorga, segundo condicionantes hegemônicos, o que pode ser considerado arte. Entretanto, não exila em seus territórios a legitimidade da realização poética ou estética. Poderíamos aventar que toda obra legitimada como arte tem como base a condição estética e que nem toda obra poética ou realização estética para ter seus valores reconhecidos precisaria ser considerada uma obra de arte ou avaliada segundo os critérios legitimadores da obra de arte outorgada pelos meios hegemônicos de legitimação do sistema da arte. Entretanto, postulamos que toda imagem e realização poética são constituídas por elementos que podem ser muito úteis ao entendimento e criação do mundo, aventuras que cabem à Educação promover.

A realização da formação humana, em seus melhores termos, pressupõe a partilha equânime dos bens produzidos pela humanidade e que são direito amplo e irrestrito de todos. A autoria e posse exclusivas de conhecimentos em qualquer campo interessam às práticas capitalistas e vão de encontro a qualquer projeto de justiça social. A partilha de saberes via técnicas, conceitos e experiências nas ciências e demais campos de saberes, ao destacar as estéticas em sentido amplo, caracteriza a educação e nesses termos não é aceitável a edição das propostas e realizações curriculares a partir de orientações excludentes que, no que concerne ao ensino das artes, se caracterizaria pela valorização exclusiva das artes quase sempre definidas segundo os padrões elaborados e referenciados pelas culturas dominantes e claramente euro referenciadas. Critério acaba por levar o que não é arte, mas, é potencialmente estético e ou poético, a ser descartado como se fosse desprovido de energia epistêmica e, portanto, não fosse recurso conveniente à formação escolar. Aceitar e defender o ensino da arte como tributário servil às artes outorgadas é, entre outros prejuízos, encolher as fontes de saberes relativos à diversidade cultural, às imagens e às criações poéticas e às identidades diversas

que se constituem, também, por meio de escolhas e identificações estéticas. Nesse sentido, o avanço na exploração dos modos de ver, o investimento nos modos de sentir e a ampliação das fontes de imagens e de encontros entre arte convencional e contextos, não necessariamente artísticos, são importantes em qualquer procedimento no ensino das artes que se pretenda emancipador. Assim como o investimento, relevante no âmbito da cultura visual, nas formas de ver, na constituição dos olhares, na tessitura dos modos de ver e viver, as imagens visuais pressupõem reconhecer o olhar no corpo que o realiza. O que significa trazer à discussão o corpo do aprendiz que vibra em sua singularidade e fortalece os coletivos nos quais acontece, nos quais se movimenta e dos quais faz o movimento.

Para avançar no estudo das relações entre o ensino da arte e sua atualidade há de se problematizar, ainda e mais uma vez, a formação de professores de artes visuais e a sua constituição como área nova e de especificidade ainda em elaboração. Problematizar, portanto, os diversos problemas, dentre os quais a interrogação sobre a pertinência de um ensino da arte que corrobore com o “projeto educacional formal” e as inevitáveis questões decorrentes de qualquer iniciativa que pretenda mapear as funções e sentidos da arte na formação humana, como tentamos destacar nessas páginas. Assim como é, também, oportuno ponderar que para elucidar a significação de qualquer participação curricular é inevitável reconsiderar o próprio projeto educacional face às condições atuais que cercam, e constituem as realidades sociais, econômicas, ambientais, tecnológicas, culturais e etc. Necessário é, portanto, pensar, mais uma vez, em como nos encontramos no, e criamos o, mundo atual para que possamos avaliar os graus e dimensões do ensino da arte a partir do grande projeto moderno que é a Educação, e sob o qual ainda se configura, sobretudo no imaginário dos que a regem, como instituição de alcance universal. Nesse caminho, é inevitável atentar para como se dão as ações que reagem ou resistem à repetição disciplinada dos simulacros que colonizam a oficialidade escolar e afastam de seus interesses o que ameaça o ritmo do previsível. Central a essa força diversa e ameaçadora está a criação libertada, o corpo indisciplinado, o olhar inquieto e transgressor e a imagética perturbadora do mundo visual que envolve a todos e desordena o repertório visual selecionado para respaldar a ordenação e o controle escolar.

Buscar compreender a Educação na atualidade como uma instituição independente e autônoma em relação às demais instituições e dissociada da dinâmica das culturas que compõem o magma social é inútil, seja qual for o aspecto que se almeje abordar. Enfrentar a complexidade de fatores que compõem a Educação gera desconforto e perplexidade na medida em que fica evidente a impossibilidade de avanço da reflexão por meio de reduções e simplificações, infelizmente, recorrentes mesmo nas abordagens interessadas em contribuir com a instituição em pauta. Por outro lado, tal complexidade não deixaria de ser um horizonte a ser ocupado por um fluxo de criação atualizador para os sentidos de uma instituição, que não sendo mais o que talvez nunca fora, certamente é ainda um universo de possíveis necessários. Sobretudo, considerada a grandeza contemporânea do campo e do trânsito de saberes que assedia, fragiliza ou fortalece a formação de cada indivíduo, assim como marca, influencia e desafia seus coletivos.

Sob muitos aspectos, não inteiramente desconhecidos e nem sempre devidamente considerados, a Educação formal se afasta de modelos ainda, conscientemente ou não, recorridos por muitos de seus militantes em suas práticas diárias. Dentre esses modos de agir e de pensar, ainda tem relevo a postulação de ensinar e aprender como ações estanques. Com certeza inquestionada os professores ensinariam e os estudantes aprenderiam. Ensinar e aprender, o que deveria, num passado difuso, ser aprendido pelos segundos, embora dentre estes, poucos atenderiam ao que, manifestadamente, aspiraram seus professores. A aprendizagem insatisfatória tem sido um discurso que atravessa a história das narrativas da educação e ainda é reeditado, a despeito de cada vez mais se assemelhar a uma lamúria cansada cuja força de convencimento, e mesmo de convicção, se esvai na sua inseqüente repetição. Reiteração enfraquecida, mas constante, pelo desânimo resultante da sua restrição aos sentidos pretéritos da escola. Parece evidente que pensar para além da cacofonia das lamentações aqui aludidas implica em desprogramar as blindagens institucionais e muito imaginárias que separaram a Educação e seus espaços oficiais do magma societal mais do que seus muros e grades. Tal desprogramação desmontaria o pressuposto que afirma a escola como espaço prioritário e predominante no âmbito da produção de saberes e da incorporação de novos conhecimentos. Contudo, não se trata, certamente, de

uma ação condicionada à desqualificação ou fragilização da escola, e sim de uma compreensão que leve a iniciativas que a liberte de um compromisso inócuo que a mantém em uma modulação anacrônica, e, ao mesmo tempo a fortaleça frente ao presente que exige outras sintonias e, conseqüentemente, produções decorrentes do tempo presente. Em outros termos, se trata de ações que levem as instituições educacionais oficiais a se desvencilhar de enfoques conservadores e de compromissos inúteis à realização de um projeto compatível com as atuais exigências sociais e culturais. Ação que pode alcançar sucesso se deflagrada no próprio fazer pedagógico, na desconstrução e criação curriculares.

Se a direção política do país depende do discernimento dos eleitores e se essa capacidade depende, por sua vez, da escolarização adequada ainda enfrentamos o desafio da participação política, que muito embora já tenha se configurado em muitas representações fiéis às causas públicas e em efetivo benefício do país, é notório que grande parte das representações políticas ainda flutuam ao sabor da pedagogia das propagandas não só partidárias, mas, também de outras ordens não menos potentes, como as filiações religiosas, as não menos eficazes mensagens subliminares fartamente circulantes nos produtos da indústria cultural e outros atentados às subjetividades. Considerando que uma das finalidades ainda fundamentais da educação obrigatória é a defesa do bem comum, do público, via o fortalecimento da formação do indivíduo, convém observar que meio a todos os problemas apontados no ensino formal ainda não foi criticado o que nos parece mais relevante. Ou seja, é como se a crítica à Educação contemporânea se mantivesse atada aos seus problemas mais periféricos e assim evitasse, ou fosse mantida distante, das questões fulcrais a que interessa, e urge deslindar e que se referem ao pano de fundo conceitual da escola de hoje e dos sentidos filosóficos de suas ações em lugar do privilégio à metodologia.

Os parâmetros de julgamento da qualidade da Educação ainda boiam na sintonia do que deve ou não ser ensinado e nos supostos graus de seu aprendizado. Em outros termos, os problemas considerados mais graves a afetar a qualidade do ensino, poderiam ser reduzidos ao que deve e como deve ser ensinado meio a um currículo e metodologia norteados pelas preferências culturais dominantes. Assim, a qualidade dos resultados da Educação é aferida pelo grau de assimilação do que fora decidido pelas projeções dos currículos mínimos ou máximos a serem

apreendidos ao longo das trajetórias escolares. Entretanto, se o processo de aprendizagem é permanente e sempre realizado, em qualquer espaço durante toda a vida, é evidente que o que se julga nas avaliações mencionadas não é a concretude complexa dos conhecimentos que cada indivíduo acumula, produz, partilha e faz circular, mas, sim o que entre tudo isso é validado, e conseqüentemente exigido pelo sistema oficial dos diversos governos aos quais somos todos submetidos. Avalia-se o grau de colonização e se despreza as informações que recheiam o aparente não saber. Como se o que se aprendesse dos currículos oficiais nas escolas fosse o conhecimento universalmente legítimo e suficiente, ainda que seja este isoladamente inferior, em quantidade, qualidade e potência e menos úteis na vida diária que os saberes não eleitos pela oficialidade curricular e mesmo que estes circulem em inegável diálogo com os saberes oficiais. Isso se aplica, formidavelmente, ao ensino das artes.

Outra imagem: as imagens e os corpos

Buscando contribuir para o avanço do entendimento da educação contemporânea e aventar possibilidades de maior aproveitamento da vida escolar, pretendemos neste texto insistir na exploração de canais de conhecimento que atravessam e participam da formação escolar, mas, ainda muito pouco considerados nas formulações e aplicações curriculares formais. Referimo-nos, objetivamente, às potências das imagens visuais em inseparável relação com o corpo que vê e produz imagens. Reiteramos, também, a relevância da Cultura Visual como dimensão formativa que, a despeito dos interesses, reconhecimento e programações escolares, vem exercendo forte participação na produção de subjetividades e nas relações sociais que urdem as sociedades contemporâneas. O panorama das imagens visuais açambarca todas as superfícies alcançáveis pelo olhar e a cultura visual, em sentido amplo, se não avança por todos esses campos com imagens efetivas, os alcança via os olhares que percorrem e criam o mundo, por sua vez, contaminados por todos os percursos e experiências que os constituem. Perceber qualquer objeto visual implica na ativação da memória das experiências e nos acervos de afetos por elas criados. O que vimos em momentos passados participa, de uma forma ou de outra, do que nosso olhar encontra e reencontra, ressignifica e

traduz. Assim, cada percepção visual amplia e conduz a próxima experiência, o próximo olhar a captar o mundo e a existência, seja na aceleração da vida cotidiana, seja na suspensão do ordinário para a realização do excepcional. O jogo permanente das imagens visuais acompanha e assedia a vida continuamente, exigindo, portanto, espaços mais confortáveis à sua discussão, de forma fecunda, a favor de uma Educação compatível com a formação que a vida atual exige. Aferir a amplitude desse desafio exige, inicialmente, considerar o avanço acelerado e contínuo dos canais de circulação imagética, sedutoramente, abertos às crianças e aos jovens. Aspecto que nos interessa especialmente na medida em que o ensino das artes integra a formação escolar obrigatória do qual todos os brasileiros e brasileiras são beneficiários e ou condenados. E a imagem visual, com seus riscos e benefícios ao convocar diálogos multidisciplinares é, dos territórios das artes, o mais vocacionado para os necessários enfrentamentos e aproveitamentos.

O que denominamos Cultura visual é um *espaçotempo* ou dimensão sócio histórica, instituída e em movimento atuante que açambarca vasta diversidade de informações cujos sentidos são visualmente articulados. A Cultura Visual é marcada pela multidisciplinaridade e se conecta com todas as linguagens em benefício da ampliação dos sentidos para além das cercanias da visualidade estrito senso e avança sobre vários domínios, comunicacionais, artísticos, poéticos, culturais, científicos, tecnológicos e etc.. Articula, dessa forma, movimentos envolvendo muitas áreas de saber cujos campos específicos de conhecimento, de alguma maneira, trocam contribuições, em menor ou maior grau, de acordo com suas potencialidades epistêmicas.

As tecnologias de informação e comunicação, assim como outras criações acessórias ao mercado, tiveram seus usos transbordados para além das suas funções iniciais, o que caracteriza algumas desprogramações constatáveis ao longo dos últimos anos. Certamente que o que apontamos como desprogramação não pressupõe qualquer controle nem estabilização de sua operação. Não se poderia determinar a duração e limites dos efeitos que gerariam, mas vale considerar, entretanto, que a utilização dos meios de comunicação e informação tem suas aplicações e empregos ampliados ou diminuídos em função das formas como são operados pelos seus usuários ou público. Queremos afirmar que a prática cotidiana do usuário adultera o projeto da ferramenta, por mais sofisticada que seja a

blindagem e direcionamento do seu uso, contudo o grau de autonomia em relação à sedução das imagens, e das mídias que as utilizam, poderá ser fortalecido por meio de investimentos pedagógicos que ampliem limites curriculares de forma a acolher a discussão ampla e profunda das visualidades e das imagens visuais.

As presenças insurgentes do corpo, da cultura visual e da criação poética ao mesmo tempo em que ameaçam a ordem escolar, são, pelas mesmas razões, a fonte do que é necessário à atualização da escola. Postulamos, então, que, por se tratar de outra ordem, o que faz um corpo para além do que lhe é ordenado e esperado, e que aqui parece ser promissor, é, ao cabo e ao rabo, o transbordamento que interessa à poesia. Poesia para além do entendimento e legitimação da cultura culta, e assumidamente como avanço desfronteirado e espontâneo do desejo. O desejo, entendido como propulsor do fluxo vital, que redundando no movimento humano individual e coletivo. Fluxo veiculado por enervamentos existenciais que atuam potentes, ainda que muitas vezes eclipsados pelas imagens e visualidades com as quais se tenta reduzi-lo e, assim, destituí-lo de seu funcionamento espontâneo e auto criador. Força que instiga sua exploração, tanto em benefício da utopia íntima da Educação, como elemento de amálgama coletivo que intrinsecamente é, quanto na pertinência da criação poética como alicerce atemporal da vitalidade humana na qual ainda interessa apostar. Assim, o corpo acontece como catalisador de recursos poéticos e usina irredutível de criação artística. Constatação que, ao mesmo tempo em que ameniza a grandiloquência do discurso do sistema das artes, com suas matrizes intelectuais ou doxais do ideário burguês, significaria um elogio radical à função artística como fator de cimentação societal.

O corpo apontado e convocado pelo ensino contemporâneo da arte é carne viva e pensamento produtivo já que suas potências sensoriais são indestrinçáveis de suas criações conceituais assim como, maquinário em devir, sua estabilização conceitual é algo impensável. O corpo transborda toda a represa representativa que lhe seja imposta, bem como ultrapassa os discursos que lhe pretendam equacionar sob alguma paralisia categorial. A presença insofismável do corpo que acontece exige, por sua vez, a nem sempre fácil ou confortável ação de deslocamento dos parâmetros de entendimento de seus alcances e funções na versão biológica em direção à sintonia do poético e à vibração estética. Considerando o condicionamento da vida humana à amplitude do discurso e o atrelamento do pensamento aos limites

da palavra e ao manejo de suas possibilidades plásticas é possível compreender, com facilidade, como o acontecimento liberto desses condicionantes promete fugas necessárias e urgentes do engendramento capitalístico que acaba por forjar a maioria das ciladas a que convém evitar. A criação poética ainda é, e talvez sempre o seja, a definitiva superação do imbróglio capitalista que parece reduzir a vida às imagens de um processo trágico de consumo vazio. Seja na fratura e transgressão das leis da língua, da sintaxe e da gramática, seja na profanação dos aspectos sacralizados da literatura. Já que todo ato escriturístico traz algo de profanador sem, contudo, trair o que antes lá, na escritura, na literatura, estava posto. A profanação aqui aludida nada mais é do que a ampliação da extensão, do gozo e dos sentidos da utilização da palavra. O ato poético é, em sua permanente novidade, um abandono e um alicerce ao universo artístico, ainda que sua novidade dispense compromissos com a originalidade, com virtuosismos soberbos ou superioridades violentas.

Assim como o corpo que nos interessa, fundido e confundido com a palavra poética, revoga a força da denominação irrealizadora, sabido que toda denominação arremessaria para longe o denominado, o corpo, nosso limite, se realiza na errância que é a vida sem jamais nos deter, transformando o limite, o finito em infinito Blanchot (2005, p. 137) e inventa, mais uma vez, a palavra proferida. Esta já como imagem de alta intensidade, já como máquina de guerra que explicita sua força formativa, tanto como dispositivo pedagógico quanto como obra de arte. Dupla possibilidade do mesmo intento, da mesma função. Um corpo de carne e de enunciado que se redimensiona no campo político e se expande no campo artístico sem recusa ao diálogo com o que está externo a essas situações.

Pensamos um corpo em sua performance como vibração ativa que reivindica a consideração às suas presenças visual e simbólica, que interagem com os fluxos imagéticos que lhe assediam e se fortalece nesse enfrentamento. Um corpo que cria, emana e partilha experiências estéticas e não se deixa amortecer ou amolecer pela incorporação passiva de valores que lhe são estranhos. Um corpo encontrado e considerado como resultado poético, na medida em que o corpo, se considerado como propomos, burla lógicas e solapa ordenações no encontro consigo mesmo. O corpo, então, aporético que se enerva em ambas as funções que redundam no mesmo acontecimento, o corpo que faz o coletivo e por este é criado. Contrastando

com o profícuo e vasto universo de recursos protéticos, redes, sistemas de acessos, sistemas de produção imagética e demais criações técnicas contemporâneas, o corpo de carne desconcerta as tentativas de definição de suas ações e produções, é sempre além do que se lhe pode ser imputado, é sempre um pouco, ou muito, diferente do que se lhe é esperado como sentido ou função. O corpo não espera o avanço da palavra, o corpo desespera a palavra e supera, até, o elogio que lhe é postulado. O corpo encarnado e encontrado no outro promete pedagogias afinadas com esse tempo e, portanto, é dele, do corpo coletivo e coletivizado, que pensamos dever partir escolas, ensinamentos, poéticas e demais ofertas realizadoras de uma atualidade na qual a arte e a formação humana realinhariam seus significados. Escola e imagem na agudeza da pele, no abismo escatológico e no mistério transparente da conjunção.

Assim elogiado e reconhecido o *corpopenramento* fortalecido pelos encontros que a escola pode propiciar enfrentará a energia estética avidamente explorada nos processos e práticas de mercado. Elemento que se caracteriza pelo uso e abuso desfavorável à sociedade e à autonomia do indivíduo, na medida em que por meio do fascínio estético seduz, promete e não cumpre. Instrumentos do capital recorrem à pedagogia das imagens e narcotiza visualidades por meio do recurso às muitas potencialidades da imagem radicalmente estetizada e, assim, ganham na promessa jamais cumprida, no trágico adiamento da realização do desejo implantado como chip nos corpos que alcança. Entretanto, o *corpopenramento*, por outro lado, explora os campos de possíveis às realizações condizentes com o que os indivíduos aspirariam para além dos turvamentos e embriaguezes provocadas pelos processos de aproveitamento desleal dos recursos estéticos (Victorio, 2012).

Perniola (2006, p. 80) discorrendo sobre as relações entre a Estética e a Ideologia, observa que o estético teria duplo aspecto, de um lado seria dominado pela ordem burguesa, assentada nas tramas do princípio do egoísmo e da exploração, do outro lado, a estética implicaria uma visão das energias humanas consideradas como fins e não como meios e que estariam na base de toda a emancipação.

É preciso considerar que meio ao risco concreto de absorção das imposições da comunicação dominante sempre surpreende a capacidade autoral de leitura e os

modos de ver o que é imposto, o que assedia os olhos. Meio ao assustador plano estratégico do domínio do mercado de alcance absoluto, as práticas dos praticantes cotidianos (Certeau, 2000) contradizem e se contrapõem ao destino aparentemente inexorável da falência política e da emancipação inalcançável decorrentes da cidade injusta. Contudo, se o mundo estilhaçado evidenciado nas imagens visuais, as quais, em sua predominante virtualidade, substituem realidades irreduzíveis, como a afetação dos corpos vibráteis (Rolnik, 1998) e a vital experiência estética que a todos fundou, pelos simulacros de vidas permanentemente substituíveis, a força de invenção de sentidos lateja sob a artificialização generalizada das e nas cidades, nas e das suas instituições. E são justamente essas operações discretas, e muitas vezes imperceptíveis, que se desdobram oferecendo condições para existências autônomas e solidárias, como convêm a qualquer hipótese de sustentação coletiva fortalecida por uma escolarização pertinente, na qual o prazer, o corpo, a experiência estética, a criação poética, a criação artística e as imagens tenham espaço seguro para suas desconstruções e criações.

Imagens finais

Se a balcanização das existências, uma inegável tônica do mundo contemporâneo, é agenciada na força do discurso, se as verdades, suas hierarquias e suas histórias são criadas e arregimentadas na blindagem da palavra, é justamente na perversão intestinal a esse sistema, e só possível via a radicalidade da criação poética, que se manifesta e funciona o maquinário de resistência tática que se lhe opõe. Refiro-me ao que entendo como a mais refinada manifestação da tecnologia, aquela que se engendra na palavra salivada, regurgitada por um corpo vibrante, escatologicamente poético, inexoravelmente humano para além das imagens que o corpo não possui e nem virá ou almejará deter. Um corpo em trânsito sob a pele coletiva que une um impossível 'mesmo' aos inextirpáveis 'outros'. Um corpo que supera o seu adiamento e acontece absoluto que escapa dos ditames que o afastam para um futuro ambíguo como a tudo que afirma o gozo, como a esse se refere Onfray (199, pag. 290) a respeito dos alicerces conceituais da modernidade que posterga a realização do ideal para um permanente amanhã e em nome desse adiamento, justifica-se o pior para o instante e assim o paraíso que canta o futuro

funciona como uma obsessão em nome da qual se transforma o agora em pesadelo (Victorio, 2012).

Entendo, portanto, ser no encontro entre os corpos e em suas, nem sempre programáveis, ativações sensoriais, para além das armadilhas da representação, que fluem a pedagogia e a possibilidade epistêmica e curricular que interessam aos tempos de hoje. Um tempo em que o corpo é reconhecido como ação que vigora no que o sistema das artes busca colonizar como arte e o erótico inscreve como prazer. Corpo forte que decifra imagens e realiza inusitada tecnologia da performance carnal em cuja pulsação o coletivo é recuperado. Definir o que seria um corpo, ora perdido de si mesmo meio a infinitas simulações e representações do que nunca teria sido ao mesmo tempo em que sua presença fulgura exigente de consideração impõe outras significações, mesmo que provisórias, em prol do prosseguimento da busca dos sentidos contemporâneos de uma formulação curricular sintonizada com os sujeitos desse hoje, desafiador. Significações, certamente ousadas, cuja criação não deverá arrefecer diante do pensamento que lhes é oposto. A ampliação do corpo frente à atualidade é reconhecê-lo em sua diversidade e potência em sua vibração cotidiana para além do que predominaria como sua representação. Assim temperando o excesso de imagens o corpo poetizado na sua espontânea ação, o corpo estudante e o corpo mestre, se oferecerão ao encontro do qual emana o melhor ensino da arte, das imagens e da vida. Pois é a partir da percepção do corpo como poder de transformação e devir (Gil, 1997 p. 185) – devir sensitivo, afetivo que atinge e desorganiza a unidade da consciência domesticada se torna alvissareira a ideia de uma pedagogia do corpo e da pele mergulhada no cotidiano das práticas e vibrações de currículo encarnado, um currículo inexoravelmente poético, artístico e humano.

REFERÊNCIAS

- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GIL, José. **Metamorfoses do corpo**. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.
- HALL, Stuart. **Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Educação da Cultura Visual: Conceitos e Contextos**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2011.

NOVARINA, Valère. **Diante da palavra**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (org.). **Alternativas emancipatórias em currículo**. São Paulo: Cortez, 2004.

ONFRAY, Michel. **A arte de ter prazer: por um materialismo hedonista**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PERNIOLA, Mario. **Contra a comunicação**. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2006.

ROLNIK Suely. **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**, São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

VICTORIO, Aldo. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 3, p. 143-152, Set/Dez 2012.

Aldo Victorio Filho

Professor Adjunto, Coordenador da Licenciatura em Artes Visuais e vice-diretor do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Líder do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais em Educação e Arte (UERJ/UFRRJ); Pesquisador dos Grupos de Pesquisa Cotidiano Escolar e Currículo – UERJ e Cultura Visual e Educação – UFG